

**Acontecer todos os dias também cansa:  
o esvaziamento da experiência nos contos de Pedro Paixão**

Laura de Assis Souza<sup>1</sup>

RESUMO: O presente trabalho empreenderá uma análise de contos do livro *Viver todos os dias cansa* (1995) do escritor português Pedro Paixão, com o objetivo de discutir de que modo é abordada nessas narrativas a temática do esvaziamento da experiência na contemporaneidade.

Palavras-chave: Esvaziamento; Experiência, Literatura contemporânea.

ABSTRACT: This study will analyse the book *Viver todos os dias cansa* (1995), by Pedro Paixão, with the aim of discussing how these narratives deal with the theme of the experience's emptying in contemporary times.

Keywords: Emptying; Experience; Contemporary literature

Os processos sociais da contemporaneidade vêm modificando cada vez mais as já intrincadas relações entre arte e realidade. Se a arte é representação da existência e criação que, de modo direto ou indireto, se relaciona com o problema da experimentação do mundo – mesmo que afirme a dificuldade dessa tarefa – é inevitável que quaisquer mudanças nessas relações atinjam diretamente o modo como as obras são produzidas e lidas, tanto em uma perspectiva formal quanto temática.

É possível notar como essas mudanças se refletem especificamente na literatura de hoje, observando na prosa de ficção contemporânea alguns traços que apontam para uma representação de algo que Walter Benjamin já havia destacado, ainda na primeira metade do

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Literários pelo PPG Letras: Estudos Literários da UFJF.

século XX, como forte característica da modernidade e que nomeou “empobrecimento da experiência”. Em “Experiência e pobreza” (1933), Benjamin analisa a sociedade moderna em vários aspectos, concluindo que “está claro que as ações da experiência estão em baixa” (BENJAMIN, 1994, p.114). Ele afirma ainda que “é preferível confessar que pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade” (BENJAMIN, 1994, p.115).

O filósofo Giorgio Agamben dedicou à releitura das ideias de Walter Benjamin vários de seus textos. O livro *Infância e História: destruição da experiência e origem da história* (Agamben, 2005) traz vários artigos relacionados à obra de Benjamin, que buscam dar conta de alguns dos conceitos presentes na obra do filósofo alemão, não sem contemplar também uma perspectiva atual desses conceitos, procurando afiná-los com os dias de hoje. No primeiro ensaio Agamben direciona suas reflexões justamente para a questão da perda da experiência, analisando algumas proposições de Benjamin no já citado “Experiência e pobreza” e anuncia que:

Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado a fazer. (...) o dia-a-dia do homem contemporâneo não contém quase nada que seja ainda traduzível em experiência: não a leitura do jornal, tão rica em notícias do que lhe diz respeito a uma distância insuperável; não os minutos que passa, preso ao volante, em um engarrafamento; não a viagem às regiões íferas nos vagões do metrô nem a manifestação que de repente bloqueia a rua (...). O homem moderno volta para casa à noite extenuado por uma mixórdia de eventos – divertidos ou maçantes, banais ou insólitos, agradáveis ou atozes–, entretanto nenhum deles se tornou experiência (AGAMBEN, 2005, p. 21-22).

Giorgio Agamben afirma ainda que essa precarização da experiência pode ser notada, por exemplo, no desaparecimento da máxima e do provérbio. De acordo com Agamben, na sociedade de hoje eles foram substituídos pelo slogan. A máxima e o provérbio teriam sido, no passado, a palavra de autoridade da experiência, enquanto que, nos dias de hoje, “o slogan é o provérbio de uma humanidade que perdeu a experiência.” (AGAMBEN, 2005, p. 23).

A “pobreza de experiência” da qual Benjamin fala no ensaio relido por Agamben, “Experiência e pobreza”, está diretamente ligada às consequências catastróficas da Primeira

Guerra Mundial, diante das quais o “frágil e minúsculo corpo humano” se viu abandonado em um “campo de forças de correntes e explosões destruidoras” (BENJAMIN, 1994, p.115). No entanto, como observa Agamben, não é necessário nenhum acontecimento catastrófico para que se consuma a destruição da experiência nos dias atuais, pois “a existência cotidiana em uma grande cidade é, para esse fim, perfeitamente suficiente” (AGAMBEN, 2005, p.21).

É possível também observar, em relação à contemporaneidade, que é praticamente unanimidade entre filósofos, sociólogos e teóricos em geral o entendimento da sociedade contemporânea como uma sociedade regida principalmente pela lógica do consumo, na qual os indivíduos não são mais vistos como sujeitos, sendo reduzidos à condição de consumidores. Zygmunt Bauman, por exemplo, afirma que

o ser humano autossuficiente e satisfeito nas suas necessidades materiais ou espirituais perdeu o jogo para o mercado. Qualquer caminho que satisfaça os desejos e que não esteja ligado a compras e lucros é amaldiçoado (BAUMAN, 2009).

De fato não é difícil notar o quanto a lógica do consumo se estabeleceu como uma espécie de doutrina dominante na sociedade contemporânea. Como Bauman observa, “a sociedade pegou a estrada de uma vida orientada somente pelo consumo” (BAUMAN, 2009). O desejo coletivo parece estar passando um processo de homogeneização e, na maioria das vezes, se apresenta direcionado principalmente para a posse material, contrariando as necessidades e desejos individuais, que ficam em segundo plano. O crescimento da publicidade e o espaço que ela vem conquistando cada vez mais na sociedade é um sintoma de que a cultura do consumo se encontra em uma posição privilegiada na contemporaneidade. É possível perceber o quanto a publicidade tem tido cada vez mais o objetivo de determinar não só o que deve ser comprado, mas também o que deve ser desejado. O produto à venda é colocado sempre como algo indispensável, que deve ser desejado e possuído e, frequentemente, é a frustração que poderia advir da impossibilidade da posse que acaba por motivar muitas das campanhas de marketing. Desse modo, é possível perceber o quanto o consumo se firmou como uma espécie de demarcador do sucesso ou fracasso dentro da

sociedade, e de como isso está relacionado à opressão do desejo individual, uma vez que caminha sempre no sentido de padronizar aquilo que, teoricamente, deveria ser, por natureza, diverso, processo esse que Bauman atribui à “desatada liberdade concedida ao capital e às finanças à custa de todas as outras liberdades e o repúdio a todas as razões que não econômicas” (BAUMAN, 1998, p.34).

Jean Baudrillard também aponta para essa constituição da cultura do consumo, marcada por uma proximidade maior dos homens com seus símbolos, objetos e representações do que com outros homens. Esse distanciamento do outro seria justamente uma das marcas do nosso tempo. Segundo Baudrillard:

As pessoas já não se olham, mas existem institutos para isso. Já não se tocam, mas existe a contactoterapia. Já não andam, mas fazem jogging, etc. Por toda a parte se reciclam as faculdades perdidas, ou o corpo perdido, ou a sociabilidade perdida, ou o gosto perdido pela comida. Reinventa-se a penúria, a ascese, a naturalidade selvagem desaparecida: natural food, health food, yoga (BAUDRILLARD, 2001, p. 21).

Essas reflexões estão diretamente relacionadas com o presente artigo, uma vez que a matéria de análise aqui é justamente a literatura contemporânea e de que modo ela tem procurado agenciar esses dilemas do presente. O trabalho irá se deter na análise de contos do livro *Viver todos os dias cansa* (originalmente publicado em 1995) de Pedro Paixão, com o objetivo de discutir de que maneira o autor aborda nessas narrativas a temática do esvaziamento da experiência na contemporaneidade e como representa em suas narrativas as questões relativas a este tema.

O escritor português Pedro Paixão nasceu em Lisboa em 1956. Estudou filosofia e foi professor de Filosofia Contemporânea e Fenomenologia durante mais de quinze anos na Universidade Nova de Lisboa, mas abandonou a carreira acadêmica em 2004. Lançou em 1992 *A noiva judia*, seu primeiro livro de ficção. Desde então já publicou dezoito livros – entre eles *Viver todos os dias cansa* (1995), *Muito, meu amor* (1996) *Nos teus braços*

*morreríamos* (1998), *Cala minha boca com a tua* (2002), *Os corações também se gastam* (2005) e *O mundo é tudo que acontece* (2008) – duas peças de teatro e um texto para ópera.

Na obra de Pedro Paixão, o esvaziamento da vida contemporânea é retratado principalmente por meio da temática da efemeridade e transitoriedade dos eventos narrados. No conto “Subitamente”, por exemplo, o narrador lista vários eventos da vida de um personagem, apontando pequenos acontecimentos – uma festa, uma reunião de negócios, um desentendimento no trânsito – sem, no entanto, se aprofundar em nenhum deles. Não há nenhum episódio notável, sequer um clímax. Toda a narrativa é construída pela enumeração de fatos que, expressos através de períodos curtos, sugerem a efemeridade dos acontecimentos registrados pelo narrador. Não há propriamente o desenvolvimento de uma trama e os fatos narrados não seguem uma sequência lógica: mal um evento é contado, já se segue outro, que não apresenta necessariamente nenhuma ligação com o primeiro.

O Antônio está divorciado. O Leonardo ainda não, só separado. Está a ser complicado, por causa da mulher e dos filhos que são três. A culpa não é das pessoas. A culpa é da vida das pessoas, pensa, dentro do carro. Da vida que as pessoas levam, quer ele dizer. Quase que lhe batem no carro, não é um choque por um triz. Vinha da esquerda e ainda protesta. A educação. Se tivesse mais tempo saía do carro para lhe partir a cara. Acelera. Não pode chegar atrasado. Apresentação do projecto. Discute-se o suficiente para não se chegar a qualquer conclusão. (PAIXÃO, 2004, p.21)

Em “Subitamente” alguns dos aspectos que marcam a contemporaneidade são retratados através dos vários eventos dispersos da vida do personagem que não guardam nenhum traço marcante de ligação entre si. O relato desses acontecimentos triviais, cuja superficialidade é acentuada pelo modo como são narrados, também pode ser visto como representação da ausência de experimentação do mundo por parte do indivíduo. Tomando o termo “experiência” no sentido dado por Maurice Blanchot – “contato com o ser, renovação do eu nesse contato” (BLANCHOT, 1987, p. 83) – é possível notar que é justamente essa falta a representada nos personagens do conto de Pedro Paixão, entre os quais não existe nenhum tipo de troca ou conexão:

Deitados na cama, não adormecem logo. Ela pergunta: “o que é que tu tens?” Ele responde: “Nada.” Ouve-se a água a correr no autoclismo avariado. Nenhum deles fica sabendo quando o outro adormece. (...) Acordam sem saber qual deles acordou primeiro. Ficam alguns minutos calados a olhar para o tecto. O despertador vai tocar de um momento para o outro. O despertador toca. (PAIXÃO, 2004, p. 22)

Também a transitoriedade vem sendo apontada por alguns teóricos como uma das marcas capitais da contemporaneidade. Em um mundo que tem como característica principal a rapidez com que as mudanças ocorrem, é inevitável que a incerteza e a relativização dominem os processos sociais. Diante desse quadro, as relações humanas também foram abaladas. A falência dos projetos coletivos da modernidade resultou no que Lipovestky (2005) chama de “apatia new-look”. A ausência de uma utopia somada à velocidade com que uma enormidade de eventos ocorre, teve como consequência a inconstância e a relativização dos paradigmas sociais. De acordo com Zygmunt Bauman:

(...) a mensagem hoje carregada de grande poder de persuasão pelos mais ubiquamente eficazes meios de comunicação cultural é uma mensagem da indeterminação e maleabilidade do mundo: neste mundo, tudo pode acontecer e tudo pode ser feito, mas nada pode ser feito uma vez por todas (...). Neste mundo, os laços são dissimulados em encontros sucessivos, as identidades em máscaras sucessivamente usadas, a história da vida numa série de episódios cuja única consequência duradoura é a sua igualmente efêmera memória. (BAUMAN, 1998, p.36)

Os vários acontecimentos sucessivos e efêmeros dos quais fala Bauman, apontam para o empobrecimento da experimentação e, mais ainda, para uma espécie de conformismo diante desse quadro, o que pode ser observado de maneira bastante expressiva no fragmento final de ‘Subitamente’, mais especificamente na frase que encerra o conto e dá nome ao livro:

Só tem um amigo. Já estiveram zangados. Não se lembra porquê. Jantam juntos uma vez por semana. Sempre no mesmo restaurante. Depois dão uma volta pelo centro da cidade. Quando chega a casa a mulher já está a dormir e ele vai ler para a

sala. Aprecia o silêncio. Não foi sempre assim. Viver todos os dias cansa. (PAIXÃO, 2004, p. 24)

A amizade, o encontro com o outro, não são vistos como experiência ou troca e sim apenas com um encontro marcado na agenda. Assim como na passagem citada anteriormente, na qual o protagonista do conto e sua mulher também não tem nenhum tipo de conexão – “Ficam alguns minutos calados a olhar para o tecto. O despertador vai tocar de um momento para o outro. O despertador toca” (PAIXÃO, 2004, p. 22) –, o protagonista de “Subitamente” e o amigo apenas “Jantam juntos uma vez por semana.” e depois “dão uma volta pelo centro da cidade” (PAIXÃO, 2004, p. 24). Já estiveram brigados um com outro, mas sequer se lembram o motivo. Não há nenhuma experiência significativa vivida pelos personagens que pode ser relatada nessas narrativas, apenas uma sequência de acontecimentos curtos e efêmeros, que explicitam a superficialidade de suas vidas.

*Viver todos os dias cansa* traz ainda outros contos nos quais podem ser observadas estratégias narrativas semelhantes às usadas em “Subitamente”, como “Café instantâneo” e “Curriculum vitae”, ambos construídos através da enumeração de eventos triviais, expressando a superficialidade e efemeridade desses mesmos eventos:

Nasceu a 5 de fevereiro de 1955 num quarto da casa do avô (...). E como é natural entre os humanos cada um ter o seu nome, chamaram-lhe Paulo (...). Chorou quando a mãe e a tia o deixaram pela primeira vez no jardim escola, o que é natural. Nunca mais gostou de escolas, o que também é natural (PAIXÃO, 2004, p.43).

Já em “Situação particular”, por exemplo, não há sequer personagens ou ação, os contos são centrados nas impressões de um narrador que, contrariando a natureza da categoria, não narra acontecimentos, mas analisa um determinado tema, dando a essas narrativas um tom mais ensaístico do que propriamente ficcional, operando uma espécie de subversão da ficção:

Pois é, se procuramos encontrar o que quer que seja, saímos de nós e, descentrados, logo nos desequilibramos. O impulso que nos serve para ganhar balanço é o mesmo que nos faz cair quando queremos estacar. O entusiasmo, aliás, não é mais do que uma breve suspensão no movimento da queda. Por demais estranhos somos nós (PAIXÃO, 2004, p.55).

O mesmo ocorre em “Demasiado bonitas para nós, almas sensíveis”, narrativa que se constrói com uma espécie de reflexão acerca da beleza, na qual não existe propriamente uma diegese, e sim uma compilação de observações sobre o impacto de mulheres bonitas nas “almas sensíveis” do título:

Todas as raparigas bonitas causam-nos pena e eu sei porquê.

Mal se consegue tocar numa rapariga demasiado bonita. Enche-nos de pavor a obrigação de nos tornarmos inconscientes. Porque não há maneira de saber o que fazer com a beleza e alguma coisa se tem de fazer com o que há.

As almas sensíveis suportam mal a presença de beleza assim. A perfeição visível entristece-nos francamente. Se já sabem que são bonitas ainda não sabem que vão morrer. (PAIXÃO, 2004, p.79).

Em “Amador” Paixão também realiza esse movimento, em um texto que procura conceituar e explicar o sentimento amoroso, sem no entanto lançar mão propriamente de uma trama ou de personagens, mantendo a narrativa apenas em um plano mais descritivo e filosófico, empreendendo uma espécie de investigação em busca de uma lógica para o amor:

Começar por amar a impressão de um só corpo. Mais tarde buscar em vários, muitos, um só corpo já das mãos e dos lábios conhecido.

Depois amar por partes, escolhendo, as mais das vezes, a pequena imperfeição onde o prazer se acende. (...)

O amor pode chegar. Mas donde vem? Para onde vai? Quando chega vem para quê, o amor? Grande e inútil milagre este sem resposta e é de propósito que não tem resposta. (PAIXÃO, 2004, p.85).



Essa estratégia da subversão da ficção e do tom ensaístico invadindo a ficção também ocorre em outras obras de escritores contemporâneos. O movimento de agenciar a literatura e outros gêneros, como o ensaio e a anotação filosófica tem sido constante na produção literária atual. Podemos citar, por exemplo, Sérgio Sant’Anna e Joca Reiners Terron como autores brasileiros que utilizam com frequência essa categoria.

Analisando os contos de Pedro Paixão, é possível, portanto, observar que essas narrativas se prestam a representar a condição do homem diante do esvaziamento contemporâneo, uma vez que os inúmeros eventos efêmeros vividos pelos personagens de Paixão podem ser analisados como sintomas da ausência da experiência na contemporaneidade; enquanto a subversão da ficção pode ser vista como uma tentativa de representar tematicamente essa lacuna, por meio do esvaziamento interno da própria narrativa.

Giorgio Agamben destaca que a aporia – ausência de via, de caminho – fundamenta a única experiência possível para o homem hoje. Portanto, as estratégias narrativas aqui elencadas – a narração de vários eventos mínimos e efêmeros e a subversão da ficção, que é transformada em um gênero ligado ao ensaio – constituem-se justamente como uma representação dessa aporia. Se a experiência nos dias de hoje foi esvaziada ou precarizada, resta à literatura – para quem até então a matéria seria justamente a experiência vivida – representar a ausência de caminho.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio d’Água, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. Zigmunt Bauman: 'Estamos constantemente correndo atrás. O que ninguém sabe é correndo atrás de quê'. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 abr. 2009. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/zigmunt-bauman-estamos-constantemente-correndo-atras-que-ninguem-sabe-correndo-atras-de-que-273321.html>> Acesso em: 4 maio 2012.

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. São Paulo: Manole, 2005.

PAIXÃO, Pedro. *Viver todos os dias cansa*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

SCRAMIM, Susana. *Literatura do Presente: história e anacronismo dos textos*. Chapecó: Argos, 2007.